

ÁTIMOS POÉTICOS: EXPRESSÕES DA POESIA BRASILEIRA RECENTE

SCHENA KARLEC BERRES (BOLSISTA) ¹ PABLO LEMOS BERNED (ORIENTADOR)²

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho constitui-se enquanto a apresentação do desenvolvimento do projeto de iniciação científica “Átimos Poéticos: expressões da poesia brasileira recente” voltado para a análise de poemas de Bruna Beber (1984-), poeta, escritora, tradutora e colaboradora em vários sites e revistas. Os versos de *Mercúrio-cromo*, *Iodo* (galactinha buleversada) e *Merthiolate* foram destacados entre os 46 poemas que compõem **A fila sem fim dos demônios descontentes**, obra publicada originalmente em 2006, que desenvolve temas como feridas emocionais, nostalgia, partida, morte e solidão.

A construção de sentidos dos poemas permite a associação com elementos como o mercúrio, um metal tóxico e resistente, e o cromo, que possui importantes propriedades para o corpo em seu cotidiano de saúde, mas, ao mesmo tempo, apresenta, em grandes quantidades, risco de morte. Já o iodo e o merthiolate são bactericidas atualmente não recomendados, que eram utilizados em ferimentos de menor gravidade. Ou seja, os poemas evocam três medicamentos que compõem uma breve sequência histórica de uso em que um antecede o outro.

O processo de análise dos poemas permitiu observar os recursos voltados para a projeção, a fragmentação e a materialização do sujeito lírico nos poemas de Bruna Beber, a partir dos temas, títulos, ações e figurações dos corpos. Para compreender as condições de produção da poesia de Bruna Beber no cenário da literatura brasileira contemporânea, recorreu-se aos trabalhos de Célia Pedrosa e Ida Alves (2008 e 2016), Ítalo Moriconi (2014), Renato Rezende (2014), Susana Scramin e Marcos Siscar (2015), entre outros.

1 Acadêmica de Letras Português e Espanhol na Universidade Federal da Fronteira Sul - *campus* Cerro Largo, bolsista FAPERGS de iniciação científica no projeto guarda-chuva “Estruturas poéticas emergentes na modernidade”, monitora no Centro de Línguas atuando na área do espanhol básico, representante discente e coordenadora de comunicação e marketing do Diretório Acadêmico de Letras. E-mail: schenakarlec@gmail.com

2 Doutor em Estudos de Literatura e Professor de Teoria e literária e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Federal da Fronteira Sul - *campus* Cerro Largo. Coordena atualmente o Projeto de Pesquisa “Estruturas Poéticas Emergentes da Modernidade”. E-mail: pablo.berned@uffs.edu.br

2 OBJETIVO

O projeto de pesquisa "Átimos poéticos: expressões da poesia brasileira contemporânea" assume como objetivo a tarefa de estudar obras produzidas por poetas estreados ou consagrados nas últimas décadas (MORICONI, 2014, p.85). A partir da escolha da obra de Bruna Beber, este trabalho propõe-se a analisar aspectos textuais e simbólicos que permitem a leitura de uma aproximação temática entre os três poemas, *Mercúrio-cromo*, *Iodo (Galactinha Buleversada)* e *Merthiolate*, para que se possa observar o processo de construção de sentidos.

3 METODOLOGIA

Durante a primeira fase da pesquisa, foram realizadas leituras que contemplavam um breve panorama de autores e obras que estivessem na abrangência do projeto, concomitante a reflexões sobre a fortuna crítica voltada à poesia brasileira contemporânea. Delimitada a obra de Bruna Beber, jovem poeta com gradativo reconhecimento de público e de crítica, o trabalho selecionou três poemas por sua unidade temática evidenciada pelo título em sua publicação de estreia. O processo de pesquisa considerou a análise textual qualitativa de cada poema e, posteriormente, a comparação a partir de elementos recorrentes ou complementares. Como referência para a análise dos poemas, considerou-se principalmente os trabalhos de Jonathan Culler (1999), Silviano Santiago (2002), Jean Cohen (1978), Vincent Jouve (2012), Octavio Paz (2012), Alfredo Bosi (2000), João Alexandre Barbosa (2000), Erich Auerbach (2013) e Jean-Luc Nancy (2000).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nos primeiros versos de *Mercúrio-cromo*, nota-se a imagem de uma avenida, com as pernas em movimento e o salto alto como um símbolo de prepotência ou glamour associados ao sujeito lírico: "as pernas vão uma / para cada lado / atravessar a rua em salto alto" (BEBER, 2012, p.21). Na segunda estrofe, os "caminhões basculantes" e os "tratores" (BEBER, 2012, p.21), que são objetos pesados, propõem uma oposição intensa e abrupta contra o corpo desse eu-lírico. Os verbos "soterram" e "esmagam" indicam ações contra o peito, geralmente com o sentido de um órgão que representa força e luta, o coração. Com estes elementos, é possível compor uma cena de atropelamento em que esta terra de construção soterra esse sujeito lírico em seu deslocamento inicial. Durante o decorrer das ações nos três poemas, o foco não é permanente no que está acontecendo com o sujeito-lírico. O foco está ligado à cicatriz, mas principalmente na busca constante de como amenizá-la, por isso a relação direta com os medicamentos (AUERBACH, 1976, p. 4).

Ao final do poema, o emprego do adjetivo "deitado" indica a posição do corpo no asfalto enquanto "durmo", pode denotar sono, de passividade ou de morte. Contudo, dormir de olhos abertos pode ser associado diretamente a uma consciência de um ser que não quer ser. De acordo com Emmanuel Lévinas,

A atenção supõe a liberdade do eu que a dirige; a vigília da insônia, que mantém abertos nossos olhos, não tem sujeito. É o próprio retorno da presença no vazio deixado pela ausência; não retorno de alguma coisa, mas de uma presença; é o despertar do há no selo da negação, é uma infabilidade do ser em que jamais se relaxa a obra de ser (LEVINAS, 1998, pp. 79-80).

O "dormir de olho aberto" (BEBER, 2012, p. 21) é aparentemente um paradoxo, a contradição entre dormir e estar acordado pode simbolizar perfeitamente as inferências de transformação do sujeito-lírico que parece morto-vivo entre viver e morrer. Assim, em *Mercurio-cromo*, este corpo ferido e imobilizado porque soterrado e esmagado, evoca a necessidade de um cicatrizante, evocado pelo título.

Por sua vez, em *Iodo*, o poema levanta a hipótese de o sujeito lírico deliberadamente suspender seu corpo no espaço: "se algemo meus pés a lua" (BEBER, 2012, p. 22). A proposta de inversão, ao se colocar de cabeça para baixo, permite uma comparação com **Alice no país das maravilhas**, de Lewis Carroll (2009), quando a protagonista cai na toca do coelho. Assim como no romance, quando Alice enxerga as coisas de cabeça para baixo, vendo os móveis no teto e seus cabelos no ar, nos versos seguintes o sujeito lírico afirma que: "confundo pisos com tetos", "raízes com galhos", "vermes com astros". A gradação da disposição espacial e a equivalência dos elementos, seria talvez, um céu do mundo invertido. Conforme Jean-Luc Nancy,

«O corpo» é onde se cede. «Contra senso» não quer dizer aqui qualquer coisa como o absurdo, nem como o sentido invertido ou contorcido (não é em Lewis Carrol que tocamos nos corpos); mas indica que há uma ausência de sentido, ou que se trata de um *sentido* que nenhuma figura de «sentido» jamais poderá abordar (NANCY, 2008, p.14, grifo do autor).

O refrão "e não vejo mais / a minha sombra" (BEBER, 2012, p. 22), repetido duas vezes, reafirma a posição do sujeito-lírico de cabeça para baixo, parecendo negar-se a enxergar a própria sombra. Como se desejasse não mais encarar seu lado sombrio, o sujeito lírico busca novas perspectivas para enxergar o mundo e a si mesmo. Essa leitura pode ser corroborada na terceira estrofe, quando "cabelos giram hélices" (BEBER, 2012, p. 22) e o céu torna-se uma grande centrífuga de pássaros e aviões. Também pode ser feita essa constatação a partir da imagem de um céu galáctico visto como uma avenida bulevar, evocada pelo subtítulo. Portanto, em *Iodo*, a hipótese que condiciona o desenvolvimento do poema provoca a constituição de um sujeito lírico

fragmentado, cujo corpo suspenso e imóvel, preso de cabeça para baixo, sequer vê sua própria sombra, enquanto cospe seu sangue caindo do céu como uma chuva, gota a gota.

Já o poema intitulado *Merthiolate* inicia com a sobreposição das imagens de “minhas lágrimas” e das “manchas de sangue” entre parênteses, que intensifica a tristeza ao mesmo tempo em que retoma o sangue no rosto do poema anterior. A repetição do advérbio de tempo “quando” três vezes neste poema indica a disposição do sujeito lírico a tomar decisões cada vez mais intensas ao anunciar “banho”, “coca-cola light”, “uísque” e “cachaça”, como forma de aplacar suas lágrimas. *Merthiolate*, por fim, apresenta um eu fatigado e irritado buscando uma fuga nas cenas que se sucedem. Os últimos versos, quando indicam a ausência de alternativas ao sujeito - “[...] quando não há / o que privilegiar / ou preterir” (BEBER, 2012, p. 23) - sugerem um estado de rendição e inércia.

Há uma unidade temática sugerida a partir dos títulos que evocam uma tentativa de cicatrização de feridas expostas em cada um dos poemas. Enquanto em *Mercúrio-cromo* o corpo do sujeito lírico é interrompido sem seu caminho; em *Iodo*, a hipótese contribui com a camuflagem de um sofrimento sugerido, com a confirmação no refrão “e não vejo mais a minha sombra” (BEBER, 2012, p. 22). Este eu que não vê mais sua sombra, o inverso, imerso talvez, coloca-se em uma busca por diferentes perspectivas que não amenizam a sua situação. Concebendo a leitura dos poemas em sequência, na ordem em que aparecem em **A fila sem fim dos demônios descontentes**, *Merthiolate* afasta-se da rua, dos astros e do céu, para situar o sujeito lírico diante da necessidade de reação imediata sem que se apresentem soluções para o impasse que o assola. Observou-se, com base em conceitos teóricos sobre feridas, fragmentação, características pontuais de aspectos formais e informais presentes nos poemas, bem como os pressupostos alinhados ao processo de construção de sentido com a perspectiva teórica já conhecida.

5 CONCLUSÃO

O projeto tinha como intuito entender as particularidades e individualidades da poesia da autora Bruna Beber. O estudo compreendeu que o cenário imagético criado pelos poemas trouxe a percepção de corpo de forma distorcida. O sujeito lírico, em percepção à margem de uma realidade em *Mercúrio-cromo*, quantifica a inversão e a sombra em *Iodo*, enquanto em *Merthiolate* sobrepõe tudo dando voz a esse sujeito rendido e obrigado a estar vivo. Os elementos formais contribuem para entendermos as funcionalidades do texto, bem como as suas mudanças para seus diferentes significados.

O sujeito-lírico é desfigurado pelas dores de um possível passado/presente que ainda o

perturba, pois os verbos indicam que ainda acontece. Em *Merthiolate* a materialização dessas partes ganha corpo e vontades, mas deixa claro que não tem poder de escolha, atribuindo ao álcool, por exemplo, o papel de aquietar as dores de um sofrimento que parece nunca cicatrizar. Dentro das possibilidades existentes nos três poemas, tudo aquilo que pode ou não parecer é oriundo da percepção do eu-lírico é totalmente influenciada pelas experiências deste que sofre.

A construção dos sentidos une feridas emocionais e as feridas físicas em apenas uma unidade e encontra-se uma constante em comum. O tempo, entre todos, é o melhor remédio, superestimado a sua verdadeira eficácia é a única certeza de que a espera pode gerar uma melhora física, emocional ou aceitação. Não existe nenhum cicatrizante que melhore ferida alguma por isso não há o que “privilegiar” ou “preferir”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BEBER, Bruna. *A fila sem fim dos demônios descontentes*. 2ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice no País das Maravilhas; Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

COHEN, Jean. *Estrutura da linguagem poética*. 2ed. Tradução de Álvaro Lorencini e Anne Arnichand. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

CULLER, Jonathan. *Teoria Literária: uma introdução*. Tradução de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Becca, 1999.

LÉVINAS, Emmanuel. *Da existência ao existente*. Tradução de Paul Albert Simon. Campinas, SP: Papirus, 1998.

MORICONI, Ítalo. *Poesia e crítica, aqui e agora (ensaio de vocabulário)*. In.: RESENDE; FINAZZI-AGRÓ (orgs.). *Possibilidades da nova escrita literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 2014.

NANCY, Jean-Luc. *Corpus*. Tradução de Tomás Maia. Lisboa: Vega, 2000.

JOUBE, Vicent. *Porque Estudar Literatura? Tradução de Marcos Bagno e Marcos Marcionilo*. São Paulo: Parábola, 2012.

PAZ, Octavio. *Signos em Rotação*. 3 ed. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 2012.

PEDROSA, Celia; ALVES, Ida Maria Santos Ferreira (org.). **Subjetividades em devir:** estudos de poesia moderna e contemporânea. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

PEDROSA, Celia; ALVES, Ida (org.). **Poesia contemporânea: voz, imagem, materialidade.** Editora UFMG: Belo Horizonte, 2016.

REZENDE, Renato. **Poesia Brasileira contemporânea:** Crítica e política. Rio de Janeiro: Azougue, 2014.

SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da terra.** Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SCRAMIM, Susana; SISCAR, Marcos; PUCHEU, Alberto (org.). **O duplo estado da poesia:** modernidade e contemporaneidade. São Paulo: Iluminuras, 2015.

Palavras-chave: Poesia brasileira. Literatura contemporânea. Corpo.

Nº de Registro no Sistema Prisma: PES-2020-0130.

Financiamento: FAPERGS.